



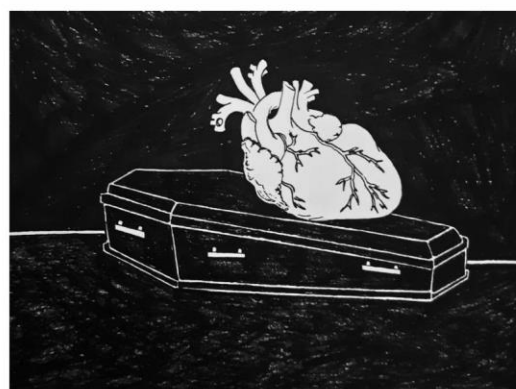
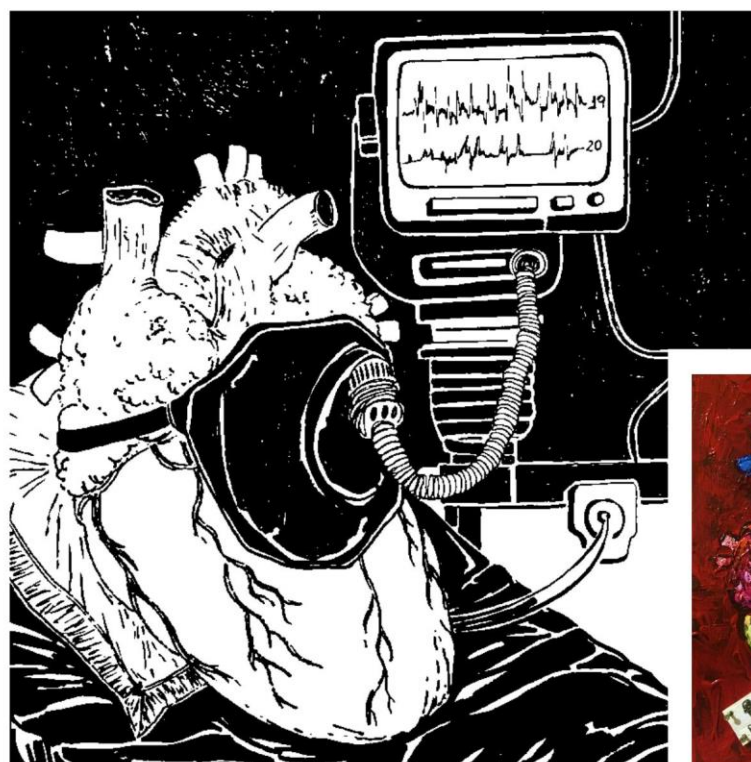
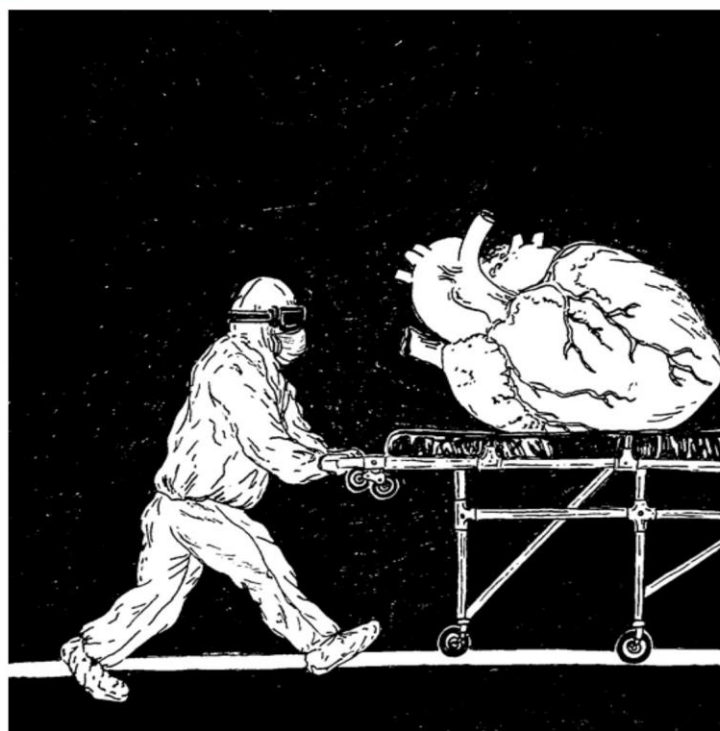
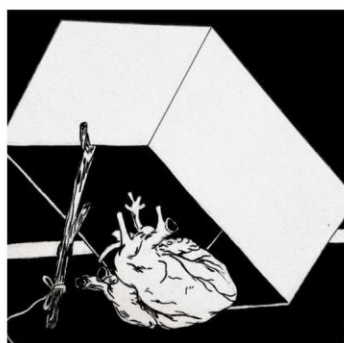
REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS
VOL. 07, Nº 01 - 1º SEMESTRE - 2022

ISSN 2448-1793

Nós

DOSSIÊ
**Epidemias
no Brasil**
cultura e estética
das doenças



Entrevista

com **ANTOLINDA BAÍA BORGES**

por **Fernando Martins dos Santos**

<https://doi.org/10.5281/zenodo.6954412>

Envio: 29/06/2022 ♦ Aceite: 07/07/2022

UMA ÚLTIMA CONVERSA COM TIA TÓ

Tia Tó



Antolinda Baía Borges foi uma das fundadoras do Museu de arte sacra da Boa Morte e sua diretora por 19 anos. Tia Tó era uma figura conhecida nos eventos religiosos e culturais na cidade. Também era conhecida como uma guardiã do patrimônio, sendo uma das principais personagens na campanha para que a cidade se tornasse Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, concedido pela UNESCO em 2001.

Fernando Martins



Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás - UFG, na linha de pesquisa Fronteiras, Interculturalidades e Ensino de História. Membro do Grupo de Estudos de História e Imagem (GEHIM). Seus estudos se concentram na arte goiana do século XIX com ênfase na arte de Veiga Valle. Atualmente estuda a recepção das obras de Veiga Valle no processo da Cidade de Goiás como Patrimônio Histórico e Cultural Mundial e como síntese da identidade vilaboense.

Quando iniciei minha pesquisa sobre o artista goiano Joaquim José da Veiga Valle, em 2016, que culminou em dissertação intitulada: *Veiga Valle – Da morte do homem ao nascimento do artista (1874-1981)*, uma das minhas maiores ansiedades era acesso ao Museu de arte sacra da Boa Morte, local que se concentra grande parte das obras do artista. Na primeira visita que fiz ao museu me foi avisado que eu deveria falar com a então diretora, Antolinda Baía Borges (tia Tó).

Antolinda Baía Borges foi uma das fundadoras do Museu de arte sacra da Boa Morte e sua diretora por 19 anos. Tia Tó era uma figura conhecida nos eventos religiosos e culturais na cidade. Também era conhecida como uma guardiã do patrimônio, sendo uma das principais personagens na campanha para que a cidade se tornasse Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, concedido pela UNESCO em 2001.

Para buscar a autorização das fotos no museu, fui até a Pousada do Sol (que era de sua propriedade) e ela não se encontrava, só voltaria no final da tarde. Segui para o meu outro compromisso que era falar com um dos principais divulgadores de Veiga Valle, Elder Camargo de Passos. Depois de horas de conversa com Elder eu disse que queria encontrar tia Tó, e imediatamente ele pegou o telefone e ligou na casa dela e combinou um encontro entre mim e ela na pousada, na manhã do dia seguinte.

Chegando na pousada me apresentei e me foi pedido para esperar, pois ela estava tomando café. Logo fui chamado para a copa, me apresentei, falei sobre minha pesquisa, conversamos por mais de duas horas, e entre um café e outro, pedi a autorização para fotografar as obras de Veiga Valle que estavam expostas no Museu de arte sacra da Boa Morte, de pronto ela permitiu, mas com uma condição, ela deveria ir junto comigo.

Combinamos para o meio da tarde do mesmo dia a sessão de fotos, busquei tia Tó em sua casa no largo do Rosário e fomos para o museu da Boa Morte. Chegando no museu ela dá umas instruções aos funcionários, pede que se coloque uma cadeira no meio do museu para que ela se sentasse. Aí sim, sob um olhar vigilante consegui fotografar. Ali sentada, tia Tó, entre uma ordem e bronca, me falava sobre Veiga Valle e o museu. Tia Tó, sempre me recebeu muito bem. Sempre que voltava na cidade de Goiás eu tentava visitá-la nem que fosse para dizer um “oi”.

Dissertação concluída (2018), veio o doutorado e com o mesmo objeto de pesquisa, Veiga Valle. Mas agora tentando entender como o artista se tornou a síntese da identidade vilaboense. Em julho de 2019, voltei a cidade de Goiás para atualizar a documentação para a tese e gravar entrevistas com pessoas que foram fundamentais para a divulgação de Veiga Valle, sendo tia Tó uma delas.

Pela manhã cheguei na Pousada do Sol e a encontrei. Disse que queria tirar novas fotos no Museu da Boa Morte e gravar uma entrevista com ela sobre Veiga Valle. Ela me disse que entrevista seria possível, mas que as fotos não, pois ela “foi arrancada do museu e proibida de entrar nele”. Marcamos a entrevista para o final do dia.

A entrevista teve como principal assunto, Veiga Valle, e como se deu a fundação do Museu de arte sacra da Boa Morte, como foi a atuação para a divulgação do artista e seu reconhecimento. Encerramos nossa conversa e pedi para tirar uma foto e marcamos uma outra conversa para ano seguinte. Nesse meio nos abateu a pandemia e em 24 de junho de 2021, tia Tó faleceu (aos 89 anos) e nossa conversa não possível, ficando essa, que talvez, tenha sido sua última entrevista e falando sobre Veiga Valle, que ela tanto ajudou a divulgar.

Fernando Santos:

Tia Tó, o que a senhora fala do Veiga Valle? Quem foi? De onde veio?

Tia Tó:

Veiga Valle é um goiano, né? Isso nos honra muito. É um privilégio muito grande pra gente ter um grande artista, grande santeiro, como foi Veiga Valle, quase que no anonimato, né? Ele passou sua vida inteira trabalhando por amor à causa, por dedicação, sem pensar em um futuro que ele poderia ser um artista. Eu admiro muito ele. Eu acho que ele teve uma sensibilidade muito grande, que ele não tinha instruções de arte nenhuma e fazer as imagens que ele esculpia é uma maravilha.

Fernando Santos:

E qual a importância do Veiga Valle para cidade de Goiás? Na época (que ele estava vivo) e hoje?

Tia Tó:

Eu acho que ele foi sempre um esquecido. É o que eu acabei de dizer: ele fazia aquilo por questão de querer, de fazer; ele não fazia como fins lucrativos, como pessoa para deixar uma passagem. Eu não vejo isso nele.

Fernando Santos:

As obras dele eram mais para as igrejas? Particular? Famílias?

Tia Tó:

É. Parece que era mais particular, mesmo, né? A gente tinha uma carta... o Elder tinha uma carta que ele achou dele, que o padre encomendando umas imagens pra ele e diz assim *“Vósmicê tem que por preço e valor nas suas obras; elas tem um valor infinito e você não reconhece”*. Então, a gente vê o desapego dele. Aquilo era uma causa pessoal pra ele. Ele esculpia porque tava no ritmo dele.

Fernando Santos:

A senhora acha que, na época, ele ficava mais como político ou como artista?

Tia Tó:

Sei lá! Você não vê nada da vida dele, assim. Sempre acha alguns dados assim, da vida dele na Irmandade sobre Bom Jesus dos Passos, tem o nome dele como provedor, pois você não vê nada assim.

Fernando Santos:

A senhora participou do dossiê do patrimônio. Como que o Veiga Valle foi colocado no dossiê?

Tia Tó:

Ele pesou muito em benefício de Goiás, né? As obras dele, o trabalho, a arte dele, teve um peso muito grande para nós ganharmos esse título.

Fernando Santos:

Porque ele ficou ali (*no dossiê*) mostrando que Goiás tinha um grande artista do século XIX. E um artista sacro. E hoje ele continua sendo essa peça importante para o patrimônio? Hoje, se falar de patrimônio de Goiás, tem que falar de Veiga Valle?

Tia Tó:

No meu íntimo, eu, na minha fala, eu acho que, hoje, Cora dá o nome ao estado, mas acima de Cora teve ele, o Veiga Valle.

Fernando Santos:

Antes da Cora Coralina, o trabalho que era feito na cultura era sobre Veiga Valle, né? Ali em 60, 70, pelo que eu vi, o grande nome de destaque era ele.

Tia Tó:

Desde a morte dele. Ele ficou por muito tempo. Ele veio ser descoberto pelo Rescala, né? Que veio aqui, passou e achou uma imagem dele e se encantou com ela. Ele deu as primeiras falas de existência de Veiga Valle, foi o Rescala.

Fernando Santos:

E as imagens de Veiga Valle participam de alguma festa religiosa hoje? Quais? A senhora lembra?

Tia Tó:

As imagens dele, a Nossa Senhora das Dores, ainda saem nas festas da Semana Santa, como na Procissão do Encontro, na Procissão das Dores, na Procissão do Enterro. E o museu foi criado com essa intenção de preservar no museu o que existia de importante em Goiás e que ela mostrasse para o povo as ocasiões dessas festas.

Fernando Santos:

E era a senhora que normalmente acompanhava?

Tia Tó:

Eu sempre acompanhei. Desde a criação do museu, na década de 50, eu sempre acompanhei as peças.

Fernando Santos:

Então, daquelas ali (*imagens*) que estão no museu, só o Senhor Morto e a Nossa Senhora das Dores que saem?

Tia Tó:

É, as duas que saem são aquelas.

Fernando Santos:

Mais nenhuma?

Tia Tó:

E a Nossa Senhora do Rosário, que não é uma peça Veiga Valle, mas é uma imagem francesa. Essa também vai pra Barra.

Fernando Santos:

Mas ela não é do Veiga Valle?

Tia Tó:

Não é Veiga Valle. O museu cede essas peças para o povo ter conhecimento que essa peça é deles e que ela está sendo apenas conservada e guardada naquele lugar.

Fernando Santos:

Mas por que que a senhora acha, quando teve esse trabalho do patrimônio, por que que o Veiga Valle sobressaiu em relação aos outros (*artistas*) ? Porque eu acho que deve ter tido outros santeiros por aqui, né?

Tia Tó:

Tem apenas a notícia de um que era santeiro, que era desse povo da família de Artiaga, mas ele deixou muito pouca coisa. O Veiga Valle foi sozinho, mesmo, né? Ele e o filho, né? Mas o filho foi pra Cuiabá e ele ficou aqui.

Fernando Santos:

O Henrique Ernesto, né? E eu queria que a senhora falasse para mim como deu a fundação do museu: desde os primeiros momentos, por que que resolveu fazer a fundação do Museu de arte sacra da Boa Morte? como começou? por que que começou?

Tia Tó:

O Museu de Arte Sacra foi criado por Dom Cândido Maria Penso e ele criou com a intenção de preservar em Goiás o que restava da arte sacra religiosa, porque não tínhamos um acervo grande e estava sendo tudo vendido, saindo, para acabar com o acervo. Então, Dom Cândido resolveu criar esse Museu de Arte Sacra, na década de 50. E nessa ocasião, apareceu aqui em Goiás, um antiquário de nome José Nóbrega que ele vinha daqui do norte de Goiás e ele comprava as imagens e vinha com essas imagens dentro do carro, dentro de um Rural. Aí, o governador Mauro Borges Teixeira descobriu, pôs a polícia em cima dele, ele veio aqui pra Goiás e aqui em Goiás ele vendeu para Dom Cândido as peças que ele vinha trazendo do Veiga Valle... desculpe: peças de arte. Não tinha especificação do Veiga Valle. Aí, criou-se a ideia de criar o Museu da Cúria; surgiu a ideia de criar o Museu da Cúria, que Dom Cândido criou como Museu da Cúria Diocesano, aí ele recolheu umas coisas que tinha Ouro Fino, uma parte Ferreiro, uma parte da Barra, as coisas aqui, e começou o Museu da Cúria.

Fernando Santos:

Que já era na Boa Morte?

Tia Tó:

Não. Ele começou na Catedral. Depois, aí, quando veio Dom Abel, que ele transferiu para Boa Morte. Aí, a Boa Morte tinha, na década de 60, terminou-se a terceira reforma, reconstrução da Igreja Catedral, então ele criou... aí, Dom Abel transferiu as peças para o museu... para a Igreja da Boa Morte. O IPHAN tinha feito uma reforma nela, tinha feito algumas modificações. Tampou aquela abertura, onde tem aquele Cristo morto, ele fechou aquela porta. Aí, nós reabrimos aquilo e demos prioridade pro museu como Museu de arte sacra da Boa Morte. Nós transferimos pra lá, na época, cento e poucas peças que eu tenho o relatório, posso mostrar no museu e, depois, ele foi ampliando, recolhendo

peças daqui, dali, ganhando algumas peças, ganhamos muitas peças, e fomos levantando o museu até ele estar como está hoje.

Fernando Santos:

E, vamos dizer assim: o carro-chefe do Museu sempre foi o Veiga Valle? Desde o começo?

Tia Tó:

É. O museu optou-se por trabalhar o valor de um museu para uma comunidade, principalmente com as crianças, que a gente fez um trabalho muito bom no início da criação do museu. Depois, com o convênio proposto pelo IPHAN, ele caiu um pouco, mas continua. E o valor de Veiga Valle, um santeiro goiano, e o que é um museu para a comunidade, dentro desses temas a gente trabalhou isso.

Fernando Santos:

Aí, o Museu começou com a senhora desde a Cúria? Do Museu da Cúria, a senhora já participava?

Tia Tó:

É eu já participava.

Fernando Santos:

A senhora participava com o senhor Elder (*Camargo de Passos*)? A disposição no museu, das peças ali, foi tudo vocês dois que pensaram?

Tia Tó:

Eu manuseei essas peças... tomei conta dessas peças desde o início da criação do Museu da Cúria, junto com o Frei Penso, depois nós mudamos, em 68, nós transferimos para Boa Morte e ficou Elder e eu trabalhávamos todo sábado e domingo. No sábado, Elder trabalhava porque ele vinha de Goiânia, e domingo

eu trabalhava porque eu trabalhava no comércio aqui em Goiás. Então, eu mexo com essas peças, manuseei essas peças e agora pedem a minha cabeça.

Fernando Santos:

E quando começou a pegar as peças para fazer o museu, a comunidade foi contra? Teve problema com isso?

Tia Tó:

Não. Nós tivemos um apoio muito grande da comunidade, por exemplo: aquela peça do museu, o São Miguel Arcanjo, que é o melhor que temos no museu, foi uma custódia feita por doutor Jerônimo Bueno. Ele era prefeito de Goiás. E assim, a gente começou a pegar como custódia as peças das igrejas.

Fernando Santos:

Quantas exposições do Veiga Valle que a senhora lembra que participou?

Tia Tó:

Eu participei de uma do MASP em São Paulo...

Fernando Santos:

Como foi?

Tia Tó:

Foi o auge. Nós ficamos 3 meses no MASP, com 20 peças.

Fernando Santos:

Muita gente?

Tia Tó:

Muita visita. Muita! Depois tivemos uma na Caixa Econômica Federal de Brasília, que também foi muito bem organizada, muito bem distribuída. Tivemos em Goiânia, no Palácio das Esmeraldas, depois a gente fazia pequenas exposições: nós levamos as imagens a Rio Verde, a Goianésia... sempre mostrando o Veiga Valle e falando de Veiga Valle.

Fernando Santos:

E muito visado em divulgar o Veiga Valle?

Tia Tó:

Sempre foi essa meta. Porque o Elder estudava o Veiga Valle e a gente intencionava mostrar ao goiano quem é Veiga Valle e quem foi Veiga Valle, sabe? Porque os goianos, até então, desconheciam.

Fernando Santos:

E quais peças, hoje, do Veiga Valle são tombadas como patrimônio?

Tia Tó:

As do museu são todas registradas como tombamento.

Fernando Santos:

Que veio com o patrimônio em 2001? Ou antes já era?

Tia Tó:

Antes já era. Quando nós começamos a mexer, o Elder foi a um congresso de museologia em Porto Alegre e trouxe uma fichazinha, assim, que nós fizemos. Era uma ficha da “Sudene”. Então, quando nós transferimos as peças para o museu, nós temos um molde de peças com a listagem que a gente sabia fazer. Depois, fizemos essas fichas que o Elder aprendeu lá no Sul, depois fizemos uma

ficha que a “Sudene” mandou, depois fizemos uma ficha em 79, quando nós fomos fazer um fichário que tá até hoje.

Fernando Santos:

Fiquei sabendo de uma história! Agora, é só uma curiosidade, mesmo. Sobre uma história de São Sebastião que ficava numa tal pedreira, né?

Tia Tó:

Pedreira de São Sebastião.

Fernando Santos:

Que o santo fugia? Vou pedir para senhora contar.

Tia Tó:

Isso é uma lenda. Isso foi na década de 44, quando acabou a guerra, Dom Cândido escreveu numa revistinha que tinha de Santa Cruz do Rio Pardo, uma lenda de São Sebastião da Pedreira. Então, ele conta que ele pegava o São Sebastião em Ouro Fino e trazia para a pedreira, aí, no outro dia encontrava os pezinhos dele pela estrada voltando para o cemitério. Isso é lenda, né?

Fernando Santos:

Interessante. Eu quero ir lá nessa pedreira. Dizem que é muito bonito lá. Fiquei curioso. Quando me contaram essa história, fiquei curioso para ir lá.

Tia Tó:

É interessante.

Fernando Santos:

Qual a última exposição que teve do Veiga Valle? Com peças dele.

Tia Tó:

Aqui em Goiás, a última que eu fiz foi em 74. Em 2006 pelos 200 anos de vida dele. O resto é exposição permanente.

Fernando Santos:

Teve aquela dos 500 anos do Brasil também, né?

Tia Tó:

Ah, é! Nós tivemos essa exposição. Foi uma polêmica tremenda.

Fernando Santos:

Por quê?

Tia Tó:

Uma turma daqui de Goiás fez uma guerra contra mim e a Elder, que nós queríamos tirar as peças para vender daqui.

Fernando Santos:

Mas foi (*as obras*)?

Tia Tó:

A exposição foi! Só não foi o Senhor dos Passos.

Fernando Santos:

Ah! Que estava pensando em levar.

Tia Tó:

É.

Fernando Santos:

E todas as peças do Veiga Valle estão expostas, ou tem algumas guardadas no museu?

Tia Tó:

Tem algumas guardadas.

Fernando Santos:

E aquele incêndio que teve lá (*antes da igreja ser transformada em museu*), em 1921? Aquele grande incêndio.

Tia Tó:

Esse incêndio foi em 1931, né? Foi 31 de março ou 02 de março, não sei. Foi em março de 31, uma Quinta-feira Santa, pegou fogo lá. Apagaram com balde de água. Queimaram umas peças do Veiga Valle que tem os tocos lá até hoje.

Fernando Santos:

É. Um dia a senhora deixou eu ver. E sabem que peças eram aquelas?

Tia Tó:

Tem uma Nossa Senhora da Soledade, um Senhor Morto, uma Santana... não lembro de cor. Só eu chegando lá para eu ver as peças.

Fernando Santos:

Elas já foram expostas alguma vez? Ou nunca?

Tia Tó:

Não. Nunca achei dinheiro pra fazer uma exposição daquilo. O... como é que chama? Aquele artista de Goiânia? O Siron me prometeu fazer uma exposição daquilo; montar uma vitrine daquelas peças expostas e mas nunca deu.

Fernando Santos:

Hoje, a senhora acha que hoje o Veiga Valle é um artista reconhecido ou é esquecido?

Tia Tó:

Eu acho que ele é esquecido.

Fernando Santos:

É? Mesmo com o trabalho que vocês tentaram?

Tia Tó:

É, o trabalho foi muito pequeno pelo valor que ele tem.

Fernando Santos:

Foi um trabalho importante, mas deveria ter...

Tia Tó:

Ter sido maior.

Fernando Santos:

Deveria estar entre esses grandes santeiros do Brasil e do mundo. Por falar em mundo, e aquela história, que a senhora contou para mim ontem, mas só para registrar aqui, daquela peça que fala que tem lá no Vaticano?

Tia Tó:

Uai! Isso está no livro daquele lugar de pessoas do Cônego Trindade, que o bispo daqui levou para o Vaticano. Não consegui vê. Eu fui ao Vaticano diversas vezes, tentei falar, mas não consegui nada.

Fernando Santos:

Então, tem no livro, mas não é provado que tenha essas. A senhora acha que a OVAT, qual a importância da OVAT como, a senhora é membro da OVAT, né?

Tia Tó:

Sou. Era, né? A OVAT teve o seu valor na divulgação da cultura de Goiás. Não só o Veiga Valle, mas a cultura em si. A OVAT teve um valor muito grande. Infelizmente, a gente tá vendo isso se acabar pela direção atual da OVAT.

Fernando Santos:

Hoje, então, o Fogaréu acabou sendo mais importante que Veiga Valle?

Tia Tó:

Ah! Eu acho. O Fogaréu tornou-se um símbolo de Goiás, né?

Fernando Santos:

Sim. Tia Tó, obrigado! Muito, muito obrigado!

Tia Tó:

De nada, meu filho. Na hora que você precisar, eu to aí, à sua disposição. Eu tô fazendo um acervo para o povo fazer uma pesquisa para entregar ao museu e a diocese. Mas enquanto eu estiver lá, estou às ordens.



Artista: Rondinelli Linhares

Da série *Porque há o direito ao grito. Então eu grito.* 2020/2022.
Marcador e nanquim sobre papel. 20x20 cm